

VI Congreso Chileno de Antropología. Colegio de Antropólogos de Chile A. G, Valdivia, 2007.

Mujeres Pescadoras y Cambio de Significación del Mito de Panema en la Amazonia.

Iraildes Caldas Torres.

Cita:

Iraildes Caldas Torres (2007). *Mujeres Pescadoras y Cambio de Significación del Mito de Panema en la Amazonia*. VI Congreso Chileno de Antropología. Colegio de Antropólogos de Chile A. G, Valdivia.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/vi.congreso.chileno.de.antropologia/141>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eCzH/2yo>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Sociolinguistics. Selected Readings. Colección Penguin Education, Penguin Books, Londres: 269-293.
HYMES, Dell H. 1976b (original de 1971). «La Sociolingüística y la Etnografía del Habla». Ardener (Ed.) *Antropología Social y Lenguaje*. Colección Biblioteca de Lingüística y Semiología N° 6, Editorial Paidós, Buenos Aires: 115-151.
HYMES, Dell H. 1977 (original de 1974). *Foundations in Sociolinguistics. An Ethnographic Approach*. Tavistock Publications, Londres.
LABOV, William. 1983 *Modelos Sociolingüísticos*. Editorial Cátedra, Madrid.
PRIDE, J. B. y HOLMES, Janet (Eds.). *Sociolinguistics. Selected Readings*. Colección Penguin Education, Penguin Books, Londres.

PRIETO, Luis. 1980. «La Etnografía del Habla». *Lenguas Modernas* N° 7: 9-16.
RIZZOLATTI, G. y CRAIGHERO, L. 2004. «The Mirror Neuron System». *Annual Review of Neuroscience* 27. 69-192.
SAZBÓN, José. 1969. *Estructuralismo y Sociología*. Colección El Pensamiento Estructuralista, Ediciones Nueva Visión, Buenos Aires.
SAVILLE-TROIKE, Muriel (Ed.). 1977. *Linguistics and Anthropology*. Georgetown University Press, Washington D.C.
SAVILLE-TROIKE, Muriel. 1982. *The Ethnography of Communication. an Introduction*, Basil Blackwell Published Limited, Oxford.

Mujeres Pescadoras y Cambio de Significación del Mito de Panema en la Amazonia

Iraíldes Caldas Torres*

Resumen

Desde hace dos décadas, las mujeres de la Amazonia han sido objeto de estudio por parte de algunas especialistas del área de ciencias sociales. Estos estudios, a pesar de ser muy recientes, muestran la importancia de comprender las relaciones de género en esta región entrecortada por las relaciones de poder. Se trata de una investigación financiada por la **Fundação de Amparo à Pesquisa** del Estado de Amazonas, realizada en la comunidad Lago dos Reis ubicada en Careiro da Várzea, Amazonas. Fueron entrevistadas 20 mujeres y se constató que ellas son las principales trabajadoras en pesca de esa comunidad, siendo, este dato, el elemento revelador de la inflexión del mito de panema en la Amazonia.

Palabras Claves: Amazonia, Mujeres, Pesca, Mito de Panema.

Abstract

This resume its occupy of the one analytic abordation about the indians lands which polemics around of your demarcation, continues strong and important still the actual days. The our study objective is the Andirá-Marau reserves on the satire-mawé etny, looking in the focus of the demarcation of your lands in the light of your legal canones stayed for the brazilian state. The methodology used is coming to the using the secondary

dates and the interpretative reading of the law spirit which given anchors to the demarcation. In the multiples aspects showed was clear which the land's right is the inalienável condition of the indians people, which becamas citizen and don't only tutored people subjects. **Keywords:** Sateré-Mawé. Land's demarcation, Indians citizenship.

1. Introdução

A Amazônia comporta uma realidade multifacetada em sua dimensão regionalizada e em suas formas de conexão com o mundo. A sua sociodiversidade abre um veio de múltiplas interpretações centradas no núcleo indivíduo/natureza/espécie, cujas indagações são inesgotáveis como fonte de conhecimento. Uma das chaves de leitura desta região são as relações de gênero, entendidas em seu aspecto relacional e transversal à composição social neste universo cultural fronteiriço (Torres, 2005).

Nas sociedades indígenas e nas populações tradicionais da Amazônia as mulheres possuem um papel social importante na organização do trabalho e da economia doméstica. Elas realizam tanto o trabalho de fino labor artístico de tecer, fiar, confeccionar redes, coser e moldar louça de argila e cerâmica, quanto o

* Iraíldes Caldas Torres é professora da Universidade Federal do Amazonas e doutora em Ciências Sórias (ictorres@vivax.com.br)

trabalho mais pesado de capinação do roçado para o plantio agrícola e posterior queimada do matagal retirado, num processo de fertilização e adubação da terra para o plantio (Amazonas, 1984).

É a mulher que prepara a cerâmica e conhece perfeitamente a técnica de manuseio da argila, cozimento e acabamento dos utensílios na temperatura adequada do fogo; tece a rede de dormir e a rede de pesca; faz o *jamaxi* que é o utensílio utilizado para iluminar a rede; faz abanos ou leques, paneiros para o depósito de farinha, cestos, peneiras, balaies, confecciona o *jirau* para tratar o peixe e suspensórios de paxiuba para plantar cebolinha e hortaliças; fabrica o seu próprio fogão de barro e o fomo de fazer farinha; tece o *tipiti* que é utilizado na fabricação de farinha, enfim, confecciona vários outros implementos de cozinha além de ocupar-se dos serviços domésticos. De acordo com Lévi-Strauss (1991:306), as mulheres da Amazônia «faziam uma cerâmica policromática de grande beleza e maestria (...). Essa aptidão técnica e artística é acompanhada de uma inflexão significativa da mitologia do arco-íris¹». Ao que parece a pintura policromática não é um aspecto proibitivo às mulheres caboclas da Amazônia, ao contrário, são elas que realizam esse trabalho artístico.

Na Amazônia é difícil separar o indivíduo, a natureza e a espécie. Inexiste o homem e a mulher em si mesmo, como também é inexato conceber a floresta e as culturas locais dissociadas das práticas sociais que engendram os estilos de vida neste espaço universalizado. A condição humana na Amazônia campeia entre a contingência material do mundo fenomênico e as representações do mundo imaginário (Torres, 2005b). A grande floresta, a terra e os rios representam o ponto de equilíbrio da própria vida sendo, pois, a natureza a grande referência dos povos tradicionais.

Toda a existência desses povos é cingida não só pelo trabalho, mas também por um acervo cultural associado a uma mística que envolve os mitos e toda uma rede de significados e simbologia. O mito do panema, por exemplo, dá conta de que a pesca é uma atividade eminentemente masculina onde a mulher sequer pode chegar perto do pescador, devido a panemice que ela possui capaz de fazer com que o homem não consiga nenhum peixe na pescaria. De acordo com Galvão (1976:81) «o conceito de panema passou ao linguajar popular da Amazônia com o significado de 'ma sorte', 'desgraça', 'infelicidade'. Não resulta de um acaso infeliz mas de infração a determinados preceitos» .

2. A inflexão do mito do panema na Amazônia

Esta pesquisa apresenta alguns elementos de reconfiguração da dinâmica das relações de gênero com o expressivo deslocamento do papel masculino na atividade de pesca no Amazonas, especificamente no município do Careiro da Várzea. A metodologia seguiu as orientações das abordagens qualitativas elegendo uma amostra de 20 (vinte) mulheres pescadoras associadas à Colônia de Pescadores do Careiro da Várzea.

É curioso notar que em algumas comunidades da Amazônia ocorre, atualmente, o deslocamento de papéis de gênero. A atividade de pesca considerada uma atividade exclusivamente masculina, posto que a presença da mulher tomava infrutífera a pescaria devido o mito do panema que credita à ela e à sua impureza o insucesso do pescador (Galvão, 1976) é, hoje, uma atividade realizada por mulheres na comunidade Lago dos Reis, localizada no Município do Careiro da Várzea, no Estado do Amazonas. Para Maués (1993:21) as proibições impostas às mulheres pelo sistema social assentam-se em três domínios bem rígidos: «a pesca, o poder e o xamanismo que, por serem cruciais para o sistema, não podem ser expostos à desordem e ao perigo que a mulher representa».

A comunidade Lago dos Reis é composta por, aproximadamente, 100 unidades familiares regidas pela economia de subsistência com destaque para a pesca e a agricultura rudimentar. As mulheres são os sujeitos centrais da economia familiar e fazem da pesca sua profissão ou meio principal de vida. A maioria delas são filiações à Colônia de Pescadores Z-53 do Município do Careiro da Várzea, que é uma instituição sem fins lucrativos. Além da atividade pesqueira as mulheres desenvolvem atividades de agricultura de subsistência junto com seus cônjuges. Trata-se de uma comunidade tradicional da Amazônia oriunda da etnia Mura mesclada com migrantes nordestinos que se fixaram na região para trabalhar na economia gomífera.

O Município do Careiro da Várzea cujo povoamento remonta aos idos de 1877 possui uma área de 2.631 km² com sede na cidade do Careiro, localizada à margem direita do rio Amazonas, distante 22 km de Manaus em linha reta. Limita-se geograficamente com os municípios de Manaquiri, Careiro do Castanho, Autazes e Itacoatiara. A população é composta por 17.267 habitantes, sendo 806 na zona urbana e 16.461

na área rural (IBGE, 2001). É o município que comporta o menor índice de urbanização do Estado do Amazonas, com 82 comunidades rurais compostas por migrantes nordestinos e ribeirinhos e que possui o IDHM 0,746.

A economia do município é baseada nas atividades do setor primário com destaque para a pecuária, a agricultura e algumas atividades extrativas. O extrativismo vegetal assenta-se sobretudo na borracha (látex), castanha e sorva. A pecuária é composta por bovinos, suínos, eqüinos e caprinos. A pesca no município constitui a base da alimentação de seus habitantes. Koch-Grünberg (2005:393) deixa claro que não está exagerando quando afirma «energicamente que o indígena da região amazônica vive de peixe: para a vida do indígena, o peixe é *conditio sine qua non* (...). A relativamente grande população indígena no noroeste do Brasil consegue o sustento da vida, principalmente por meio de pescaria» .

Os dados desta pesquisa mostram que do universo de 200 (duzentas) pessoas que possuem carteiras de pescadores, 160 (cento e sessenta) são mulheres. De acordo com um dos nossos entrevistados representante da Colônia de Pescadores do Careiro da Várzea, «na comunidade Lago dos Reis todas as mulheres pescam. Mas todas mesmo, ou vai com o marido, vai só ou com o filho, mas elas pescam» (Raimundo Cruz, entrevista/2006).

Morin (2003), nos convida a compreender a cultura para além do seu simples conceito. Trata-se de uma armadilha com amplo sentido e múltiplos significados. A cultura em Morin é uma zona obscura, antropófila e complexa. Compõe um grande sistema que engloba as experiências existenciais práticas e imaginárias, responsável pela produção e reprodução permanente dos indivíduos e da sociedade. Poder-se-ia dizer que estamos diante de,

Um conjunto de saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social (MORIN, 2004: 56).

O mito do panema, responsável por fazer sobressair o papel dito masculino no trabalho da pesca, proibindo categoricamente a presença das mulheres na pescaria amazônica é, hoje, um exemplo típico de transmutação cultural. À medida que todas as mulheres do Lago dos Reis exercem ofício de pescadoras, o mito proibitivo da presença feminina na pesca entra em inflexão atingindo

a célula *matter* do panema. Nisto consiste entender Morin quando se refere à cultura como uma zona obscura onde a mescla, o híbrido, o tradicional e o moderno se imiscuem enquanto elementos da complexidade. Quando inquirida sobre a importância da pesca na vida das mulheres, uma das entrevistadas revela que trata-se de «uma questão de sobrevivência e de uma relação de prazer e gosto em estar em contato com o rio e com a floresta» (Fátima, entrevista/2006). Esta relação estreita com os elementos da natureza tem em comum a atividade de extração. A terra é *locus* do extrativismo agrícola, a floresta comporta a extração vegetal, enquanto que o rio garante a extração animal (pesca e caça).

Galvão (1976) e Wagley (1988) souberam interpretar bem a Amazônia, enquanto espacialidade que aloca um patrimônio cultural tangível e intangível. Não é só a reprodução da vida material que campeia na Amazônia é, também, a reprodução da vida imaterial que engloba o prazer e o gosto pela pescaria que propicia o contato com o rio e a floresta.

Um dos nossos entrevistados adverte-nos que poderemos não encontrar os sujeitos da pesquisa em suas casas durante o dia porque as mulheres estão trabalhando na pesca, conforme poderemos perceber: se a senhora chegar na comunidade agora de dia vai encontrar só as mais velhinhas, porque as mais novas estão pescando. À tardinha elas chegam com o caniço e o peixe pescado (Raimundo, entrevista/2006).

Note-se que o trabalho é centralidade na vida das mulheres do Lago dos Reis, não o trabalho explorado para fins de acumulação capitalista. Mas, sim, o trabalho que dá prazer e satisfação à própria vida. Um dado importante que aparece na pesquisa é o fato de que as mulheres não se sentem exploradas no trabalho da pesca, cuja jornada oscila entre 06:00 às 18:00 horas e 06:00 às 12:00 horas. Isto, segundo Torres (2005), é explicado pelo fato de o homem e a mulher da Amazônia são seres despojados de ambição acumulativa e consumista, próprio das sociedades ocidentais.

O labor cotidiano das mulheres no trabalho pesado nas roças e nos rios não tem o mesmo significado de peso e exaustão, produzido pela disciplina fabril no capitalismo selvagem. Para Silva (1999:105),

Desde que surgiu a agricultura, a mulher tem um papel importante no trabalho da terra. A vida na roça desde que existiu, não foi estranha à mulher, portanto, ela não fica restrita aos cuidados dos filhos e casa (...). Cumpre uma rotina que começa antes mesmo do nascer do sol.

Este tipo de trabalho sequer é tipificado como profissão na sociedade moderna. A perspectiva marxista da sociologia do trabalho não reconhece o trabalho da mulher, que é considerado trabalho morto e improdutivo. Na Amazônia este não reconhecimento se estende, também, aos tipos de profissões consideradas tradicionais e/ou atrasadas em relação à matriz moderna. Segundo Torres (2005b:60) «ocupações como mateiro, capinador/roçador, piaçabeiro e pescador não aparecem no cânone das tipificações ocupacionais» . O problema não está na não tipificação, haja vista que moramos num país que historicamente vive uma situação de pretensa homogeneização das raças (Oliveira Vianna, 1987). A «questão central consiste em perceber a base do preconceito e da exclusão social presente nessas ocupações consideradas de baixo *status* social» (Torres, 2005b:60).

Um outro dado curioso que é constatado nesta pesquisa diz respeito ao fato de as mulheres entrevistadas, não se sentirem discriminadas no trabalho da pesca por serem mulheres. Da amostra de 20 mulheres ouvidas na pesquisa somente 10% delas afirmaram haver discriminação de gênero na atividade pesqueira. O que dizer, então, da histórica ausência das mulheres na diretoria da Colônia de Pescadores do Careiro da Várzea? Todas as entrevistadas afirmaram que os homens que concorrem à diretoria da referida entidade, não convidam as mulheres para compor chapas eletivas. Maneschky (1999:342) chama a atenção para o fato de que «a divisão sexual do trabalho reforçada pela ideologia do sexo, restringe o movimento das mulheres e sua própria consciência de seu papel na produção»

As mulheres pescadoras são chefes de família e desconhecem sua capacidade de assumir os interesses coletivos de sua categoria de trabalhadoras e do segmento social de gênero. Elas não freqüentam todos os espaços da comunidade, muito menos as reuniões da Colônia de Pescadores. O componente do machismo também é constatado de forma flagrante: são os maridos que assumem a guarda dos dividendos financeiros percebidos pelas mulheres, cujos valores são provenientes da venda da pesca.

É preciso, pois, que as mulheres pescadoras participem das organizações comunitárias tendo em vista que a política reivindicativa é decisiva na conquista de certos direitos sociais e de gênero. Os clubes de mães, as associações de moradores, as comunidades eclesiais de base e o movimento feminista são testemunhas redivivas desse avanço de gênero.

A problemática social da comunidade *locus* deste estudo não difere muito daquela vivenciada pelos povos tradicionais da Amazônia, sobretudo no que tange à saúde da mulher. A assistência à saúde reprodutiva como o pré-natal, parto e cuidados neonatal inexistem na comunidade. A única unidade de saúde está localizada na sede do Município do Careiro da Várzea, distante da comunidade. Em algumas comunidades, a Secretaria Municipal de Saúde mantém agentes de saúde que realizam serviços básicos de primeiros socorros, o que não pode ser configurado como assistência à saúde da população.

A política de educação é realizada pelo Estado do Amazonas na sede do município. A Prefeitura do Careiro da Várzea mantém 58 escolas nas comunidades e/ou localidades rurais com cursos de 1 a a 4a série do ensino fundamental.

A comunidade também conta com pouca opção de lazer. O município não dispõe de praias e balneários como há em muitos outros municípios do Amazonas. As atividades culturais locais se resumem àquelas da religiosidade popular e aos festejos em homenagem ao santo padroeiro, momento em que a população se manifesta com procissão, arraial, quermesse e novena.

A época do festejo e comemorações ao santo padroeiro do município que é o Divino Espírito Santo, coincide com a colheita da mandioca e a produção da farinha conhecida como «farinhada». Este trabalho de produção da farinha que mobiliza toda a comunidade é dirigido pelas mulheres, que são os sujeitos centrais da organização familiar e comunitária.

O cotidiano das mulheres na Amazônia é bem sobrecarregado. Elas só têm horas de descanso à noite quando se reúnem com outras mulheres para conversarem sobre os acontecimentos do dia e/ou para contar histórias, enquanto as crianças brincam e os homens se juntam para conversar em outro local.

A realidade amazônica comporta uma problemática social de largo alcance. Os povos tradicionais são fortemente atingidos em sua qualidade de vida devido a ausência de proteção social, exceto o seguro-defeso repassado aos pescadores pelo atual governo federal. Os indicadores de educação, renda e longevidade adotados pelo PNUD para dar baliza ao índice de desenvolvimento humano não são adequados para a Amazônia, sobretudo aos povos tradicionais que não se submetem ao sistema mercantilista.

3. Conclusões

É recente o olhar do governo central do Brasil para a Amazônia, pois até a década de 70 do século 20 o Estado brasileiro não via necessidade de direcionar políticas públicas para a Amazônia, porque é uma região preponderantemente indígena, cujos habitantes sempre foram vistos de forma preconceituosa como seres exóticos e indiferentes ao progresso (Torres, 2005).

A resistência política tem sido o eco que reverbera exigindo respeito às diferenças. São vozes emancipatórias de homens e mulheres que encarnam a utopia de uma nova sociedade equânime e sem *apartheid* social, onde a justiça social fará a sua morada.

Esse momento histórico de incerteza planetária representa uma abertura para se restabelecer a política dos direitos humanos e sua significação para o restabelecimento de padrões mínimos de convivência solidária em que noções como igualdade, liberdade e cidadania ganhem o espaço necessário na construção de um novo contrato de convivência humana (Torres, 2007).

A construção dos direitos das mulheres institui-se num espaço público que, em transmutação permanente, compreende a esfera por excelência de reconhecimento e legitimidade das práticas sociais, da afirmação dos direitos e da cidadania. Para Arendt (1999) a condição humana, a ação, só pode existir no espaço público, porque é aí onde se revela o testemunho da alteridade em suas subjetividades.

Apesar de todas as críticas à Carta dos Direitos Humanos, de 1948, deve-se reconhecer que foi em razão da aprovação destes princípios universais dos direitos do homem e de seus aspectos legais, que a sociedade civil ocidental obteve conquistas que fizeram evoluir as condições das minorias sociais discriminadas. É em nome dos direitos humanos que, hoje, as mulheres, podem protestar contra as iniquidades e a pobreza, combatendo a intolerância e ao preconceito de gênero. Pensar a condição humana das mulheres na Amazônia não é uma tarefa das mais simples, porque o estudo não pode prescindir de um aspecto de criticidade em relação à opressão e discriminação. Ficou claro nesta reflexão que o poder público ostenta uma face preconceituosa em relação à região colocando-a na invisibilidade dos direitos e das políticas sociais. Esta é a face perversa do preconceito contra a região e sua gente, especialmente as mulheres. E este preconceito se apresenta sob o manto do zelo pela coisa pública e da racionalização dos recursos públicos.

Notas

¹ Para os índios Tikuna o arco-íris é o senhor da argila de cerâmica. O método utilizado pelo herói para preparar sua paleta fundido semelhante às nuances do arco-íris. É o aspecto dessa pintura a causa principal do saber relativo aos instrumentos que as mulheres não podiam ver.

Bibliografia

- ARENDRT, Hannah. *A condição humana*. 1999. 9ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Florense Universitária.
- AMAZONAS, Lourenço da Silva Araújo. 1984. *Dicionário topográfico, histórico, descritivo do Alto Amazonas*. Manaus, AM: Grafima.
- GALVÃO, Eduardo. 1976. *Santos e Viagens: um estudo da vida religiosa de Ita, Baixo Amazonas*. 2 ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. 2005. *Dois anos entre os indígenas: viagem ao noroeste do Brasil (1903-1905)*. Manaus: Edua/FSDB.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1991. *O cru e o cozido*. Tradutora: Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Brasiliense.
- MAUÉS, Maria Angélica Motta. 1993. *Trabalhadeiras e camaradas: relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica*. Belém: Centro de filosofia e Ciências Humanas/UFGA.
- OLIVEIRA, Vianna. 1987. *Populações meridionais do Brasil: história, organização, psicologia*. 7 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense.
- MANESCHY, Maria Cristina. 1999. «*Pesquisa e participação: relato de uma experiência com mulheres pescadoras do litoral paraense*». In: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda e SANTOS, Eunice Ferreira dos (org.). *Olhar e diversidade: os estudos sobre gênero no Norte e Nordeste*. Belém: GEPEMICFHUFGA; Redor – NINE.
- MORIN, Edgar. 2004. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 9 ed. Traduzido por Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO.
- _____. 2003. *Cultura de massa no século XX: necrose*. 3 ed. Traduzido por Agenor Soares Santos. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- SILVA, Karênina Fonseca. 1999. «*Repensando o trabalho feminino no meio rural*». In: FERREIRA, Mary (org.) *Mulher, gênero e políticas públicas*. São Luis: Grupo de Mulheres da Ilha: Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Mulher, Cidadania e Relações de Gênero-UFMA; Salvador: REDOR.

TORRES, Iraildes Caldas. 2005. *As novas amazônidas*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas.

_____. 2005b. «Noção de trabalho e trabalhadores na Amazônia». In: Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Ano 1, nº 1 (2000). Manaus: Edua/Capes, 2005b.

_____. 2006. «O patrimonialismo e as mulheres da Amazônia de ontem». In: WOLFF, Cristina Scheibe, FAVERI, Marlene de e RAMOS, Tânia Regina O. (org.). Anais do seminário internacional fazendo gênero 7: gênero e preconceitos. 2006. Florianópolis: Editora Mulher.

_____. 2007. *Humaitá: ecos de um povo*. Manaus: Editora do INPA.

WAGLEY, Charles. 1988. *Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos*. 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP.